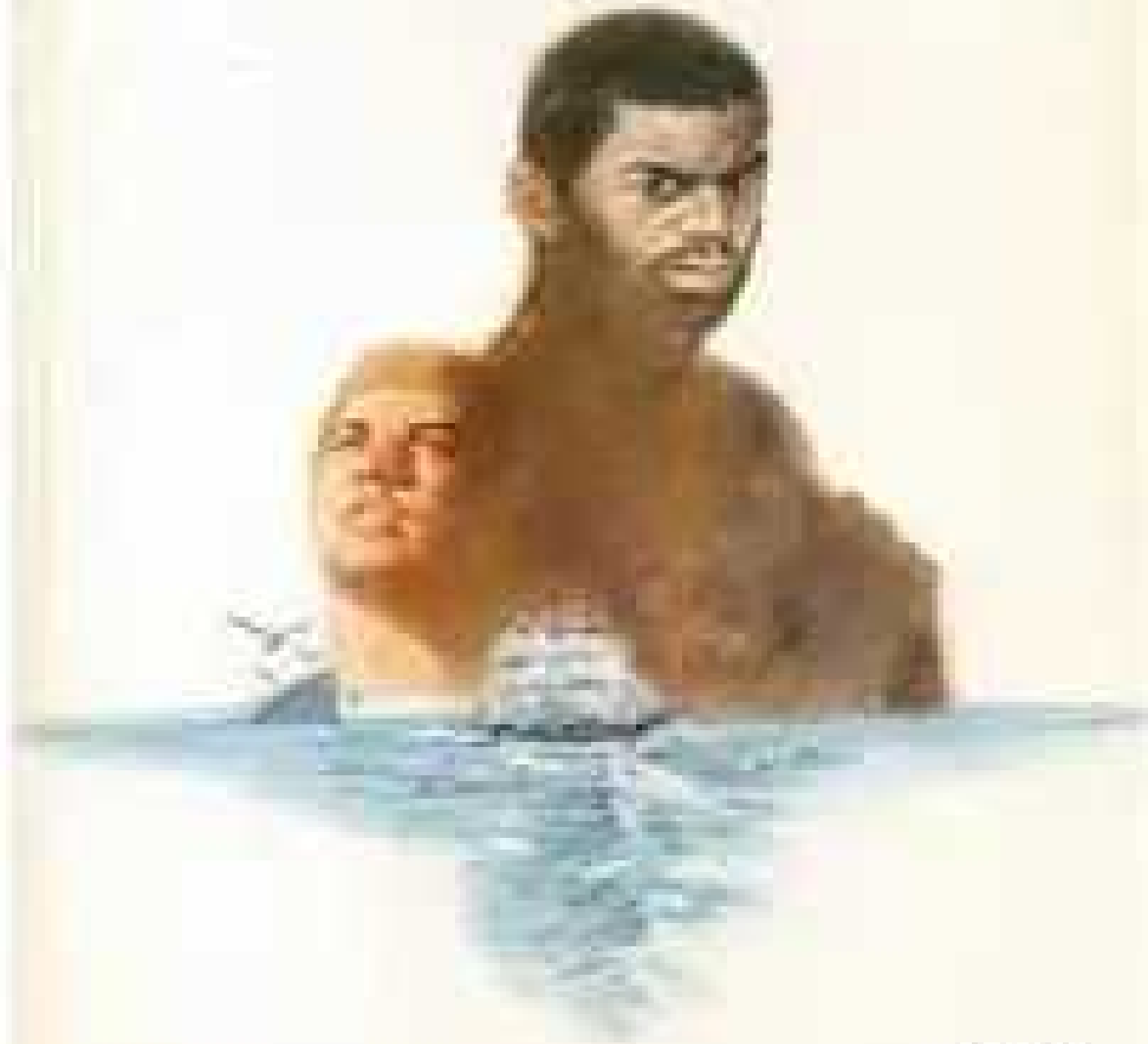
Série Bom Livro

Adolfo Caminha

# BOM-CRIOULO



ática

# Realismo

A tentativa de representar fielmente a realidade através de obras literárias é algo que existe desde as literaturas mais antigas. Mas o Realismo como escola literária, um conjunto de doutrinas a serem de alguma maneira seguidas pelos escritores, é algo que teve seu início por volta da metade do século passado. O cientificismo, a crença no progresso do homem a partir de uma observação objetiva da natureza, dominava os meios intelectuais europeus da época. Grandes progressos se faziam na área do conhecimento, graças a esta postura materialista frente à vida, e isso acabou refletindo na literatura: nas áreas de estudos sociais e políticos, Saint-Simon, Fourier, Proudhon, Marx e Engels renovam os estudos; na filosofia, dominam o determinismo (raça, meio e momento) de Taine e o positivismo de Comte; nas ciências biológicas, Claude Bérnard (medicina), Cuvier (anatomia comparada), Lamarck e Darwin; na psicologia materialista, Lombroso e Wundt; tudo isso sem falar nos progressos dos estudos geográficos e históricos.

Na década de 1840, alguns críticos e estudiosos franceses já utilizavam o termo "realismo" em alguns artigos e revistas, mas é em 1857, com a publicação de *Madame Bovary,* de Flaubert, que a nova escola literária se afirma. Poderíamos citar como principais características da escola:

- oposição ao que se considerava excesso de idealismo e fantasia do romantismo; defesa da objetividade ao tratar do mundo real: a realidade apresentada deve ser a realidade das coisas materiais, verificáveis;
- predomínio absoluto da razão e da observação sobre o sentimento e a imaginação; preferência por assuntos da época: o autor como testemunha de seu tempo;
- preocupação com aspectos estruturais das obras: as técnicas estilísticas e a forma de composição são valorizadas;
- aspectos psicológicos encarados como resultados da manifestação de algum fato fisiológico: a explicação está sempre na matéria, nunca no espírito;
- predomínio dos romances analíticos e psicológicos.

Ao contrário do que acontece em outras escolas literárias, no Realismo não há um consenso dos escritores sobre as características acima como essenciais à produção de uma obra, nem mesmo sobre a intensidade de manifestação dessas características no trabalho do artista. Assim, apesar de que possamos falar em "Realismo ele mesmo", a verdade é que a escola se desenvolveu em várias tendências, existindo ao mesmo tempo várias manifestações de "realismo", mais ou menos próximas entre si. As mais importantes tendências são o Naturalismo, o Parnasianismo e o Impressionismo.

O Naturalismo é a tentativa de aplicação às artes das idéias científicas então em moda: o determinismo de Taine, o método experimental de Claude Bérnard, o positivismo de Comte. Acreditava-se na possibilidade de uma literatura que pudesse expressar a realidade do mais rigoroso ponto de vista objetivo

e científico. O grande mestre da escola foi o francês Emile Zola, autor do ensaio O *Romance Experimental* e de obras como *Germinal* e *A Besta Humana.* Em Portugal, o grande nome do naturalismo é o escritor e historiador literário Teófilo Braga, se bem que características naturalistas apareçam em muitas obras de Eça de Queirós, como poderemos ver. No Brasil, os críticos literários Silvio Romero e José Veríssimo e os escritores Aluísio de Azevedo (que deu início ao movimento por aqui com o seu *O Mulato,* em 1881), Adolfo Caminha, Inglês de Souza e Júlio Ribeiro são os principais defensores e realizadores das idéias naturalistas. Entre as principais idéias defendidas por eles, podemos citar:

• o desenvolvimento do romance está subordinado às leis biológicas e fisiológicas, ao determinismo social e físico, aos fenômenos naturais;

• preferência por temas documentais e experimentais: quanto mais observável for o fenômeno, melhor para a obra;

• intenção de tornar a literatura um instrumento da ciência: o romance seria mais um ensaio sobre a natureza humana do que uma criação do gênio artístico;

• amoralismo: como o importante é a observação imparcial das atitudes humanas, o naturalista não se preocupa com as opiniões sobre os problemas ou personagens que descreve; isso, associado a uma preferência por temas patológicos (personagens com problemas doentios) e a uma visão negativa das classes sociais inferiores (procurando reformá-las pelo exemplo de seus erros) acabou gerando livros que alimentaram muitas polêmicas e receberam muitas críticas, por serem acusados de "imorais";

• preferência pela linguagem simples e direta, muitas vezes reproduzindo nos diálogos as particularidades de algumas classes e grupos sociais (gírias, vulgaridades).

O Parnasianismo é uma das expressões poéticas do Realismo. Tivemos a poesia realista, mas esta não alcançou muito sucesso. O movimento parnasiano surgiu oficialmente em 1866, com a publicação na França da revista *Parnasse Comtemporain,* com poemas de Theóphile Gautier, Leconte de Lisle, Théodore Banville e outros que melhor se definiriam, mais tarde, como simbolistas. Não existiu Parnasianismo em outro lugar fora da França, a não ser no Brasil, onde fixou raízes tão fortes que ainda na Semana de Arte Moderna de 1922 foi preciso um grande esforço dos novos poetas para abrir espaço às suas idéias por entre a cerrada dominação dos parnasianos na nossa poesia. O marco inicial do movimento no Brasil é o livro de Teófilo Dias, *Fanfarras,* lançado em 1882. Os principais nomes são Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia (a "Santíssima Trindade" da poesia brasileira da época), Vicente de Carvalho e Emílio de Menezes, mas incontáveis poetas de segunda linha surgiram por esta época no país. Podemos citar como características básicas dos parnasianos:

• culto da forma: preocupação com o aspecto formal da poesia, inclusive retomando o uso de formas poéticas fixas (que haviam sido de certa maneira desprezadas pelos românticos), em especial o soneto, os metros fixos (principalmente o alexandrino e o decassílabo) e a rima rica;

• defesa da "arte pela arte": a preocupação do poeta deve ser com a própria poesia, com o Belo artístico;

• retomada de temas clássicos inspirados na arte da Antigüidade greco-romana;

• contenção lírica: o artista não se deve permitir exteriorizar demasiadamente seus sentimentos, deve optar por temas mitológicos, eruditos e intelectualizados, buscando mais a análise do que o sentimentalismo. Como conseqüência, o estilo deve ser contido e sóbrio.

O termo Impressionismo vem de um quadro de Claude Monet que se chamava *Impression*, exposto em 1874. Os princípios desta tendência surgiram primeiro nas artes plásticas e depois foram incorporados pela literatura. O Impressionismo também tem na realidade o ponto de partida para a criação artística, mas ao contrário das demais correntes realistas que se apegam demasiadamente a esta realidade, tentando reproduzi-la de modo objetivo, o impressionismo está preocupado com a impressão que esta realidade produz no espírito no instante exato em que ele a capta. São a visão e o sentimento imediatos que a realidade cria no artista que devem ser reproduzidos por ele. Dificilmente se dirá que um escritor seja totalmente impressionista, mas o Impressionismo aparece como marca indiscutível nas obras de vários escritores da segunda metade do século passado e início deste. Em Portugal, Fialho de Almeida é o

nome mais representativo, mas também na terceira fase de Eça de Queirós, principalmente em *A Cidade e as Serras,* o Impressionismo é notável. No Brasil, há traços de Impressionismo nas obras de Raul Pompéia, Adelino Magalhães e João Ribeiro, para citar nomes importantes do final do século passado. O Impressionismo é já um prenúncio do Simbolismo, escola literária que teve seus maiores representantes entre os poetas e que se manifestou paralelamente ao Realismo-Naturalismo-Parnasianismo, mas de que não iremos tratar aqui por se tratar de um movimento já muito desvinculado destes que têm a realidade como ponto de partida para suas obras. Entre as principais características do Impressionismo, podemos citar:

• importância do tempo: é o momento imediato da apreensão da realidade, ou a recuperação deste momento pela memória, o que mais importa para o artista impressionista;

• predomínio da sensação sobre a razão: a realidade deve ser apreendida pela sensação que desperta no espírito do artista, e não pela sua análise racional;

• dinamismo do estilo: "escrever para os olhos", clara manifestação da importância das artes plásticas para os impressionistas.

## O Realismo *ele mesmo*: Eça de Queirós e Machado de Assis

O Realismo, como pudemos observar acima, foi na verdade uma espécie de "colcha de retalhos" de manifestações artísticas que tiveram em comum entre si basicamente o repúdio ao Romantismo e às suas doutrinas. Mas, também como já dissemos, podemos falar em artistas "exclusivamente realistas", ou em artistas que, apesar de se ligarem a um ou outro movimento da época, não ficaram conhecidos como "naturalistas", "parnasianos" ou "impressionistas" porque não cabem dentro destas fronteiras. É o caso, por exemplo, de Antero de Quental, poeta português que foi o maior defensor das novas idéias estéticas realistas em Portugal e que, juntamente com Teófilo Braga, Eça de Queirós e outros menos importantes, deu início à célebre Questão Coimbrã, uma briga ideológica entre eles (então estudantes em Coimbra) e o poeta romântico tradicionalista Antônio Feliciano de Castilho e seus seguidores. A polêmica marca o início do Realismo em Portugal (1865). Antero de Quental inicia como poeta "socialista", defensor de idéias reformistas e revolucionárias, e com o passar dos anos acaba por se tornar um poeta "metafísico", preocupado com questões filosóficas ligadas à condição humana. Outros nomes da poesia realista em Portugal são Cesário Verde (com sua "poesia do cotidiano"), Guerra Junqueiro e Gomes Leal (ambos defensores de uma poesia de "agitação e combate social"). No Brasil, a poesia realista não teve muita expressão, apesar do genial Machado de Assis ter arriscado os seus versos realistas...

Mas foi na prosa que o Realismo atingiu o ápice como escola literária. Em Portugal e no Brasil, dois nomes aparecem com fantástico destaque quando comparados aos seus contemporâneos e mesmo quando colocados na perspectiva da história literária dos seus países: Eça de Queirós e Machado de Assis; um lá, outro cá.

Eça de Queirós fez o mais abrangente painel da sociedade portuguesa do seu tempo, principalmente na segunda fase de sua obra. Soube desprender-se do naturalismo esquemático que dominava as suas primeiras obras e chegou mesmo a experimentar o impressionismo em suas últimas. Revolucionou a língua portuguesa, modernizando-a em comparação com os seus antecessores, e criou tipos e caricaturas imortais (como o Conselheiro Acácio, símbolo da conversação vazia e da inteligência medíocre), exercitando uma ironia que se tornou marca registrada de sua obra. Machado de Assis é um escritor que dificilmente se enquadra em qualquer definição. Chamá-lo de realista se deve mais ao fato de ele pertencer ao tempo dessa escola e ao problema de não termos uma definição mais apropriadada para sua obra e seu estilo. Formou-se como escritor ainda durante o Romantismo, preso à necessidade de construção de enredos convincentes. A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881, marco inicial do Realismo no Brasil), tornou-se o mais refinado analista de caracteres e personalidades da literatura em língua portuguesa. Era um mestre no romance, no conto e na crônica; foi fundador e presidente até a morte da Academia Brasileira de Letras; ninguém foi tão estudado e tão respeitado quanto ele em nossa história literária.

# *Bom-Crioulo*

## Adolfo Caminha

## Sinopse

*Bom-Crioulo* foi publicado em 1895, quando a grande onda do Naturalismo perdia sua força na literatura brasileira. Típico romance de tese, interessado em analisar personalidades fora da normalidade, é considerado por muitos a obra-prima de Adolfo Caminha (que morreu jovem, antes dos 30 anos) e, ao lado de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, um dos melhores romances do Naturalismo brasileiro.

O livro narra a história de Amaro, o Bom-Crioulo, escravo fugido que se engaja na Marinha e chama a atenção de todos por seu porte físico excepcional. Bom-Crioulo apaixona-se por Aleixo, rapazinho de olhos claros que embarcara no seu navio no Sul, e torna-o seu protegido em terra, no Rio de Janeiro. Tudo corre bem até que D. Carolina, a portuguesa madura que alugava o quarto para Amaro, seduz Aleixo, que com ela se amasia, aproveitando a transferência do Bom-Crioulo para um barco de onde não consegue vir muito à terra. Amaro, preso e castigado duramente por tentar fugir, é hospitalizado. Quando descobre a traição do seu companheiro com Carolina, foge do hospital e, cego de ódio, assassina Aleixo.

# Resumo do enredo

## I.

A velha corveta enfrenta a calmaria em alto-mar. Às onze horas, em plena indolência, o tenente ordena toque de reunir no convés. Oficiais e marinheiros preparam-se para a cerimônia de punição dos rebeldes. O guardião Agostinho, companheiro respeitado e temido, mestre na chibata, aplicaria as penas, aquilo lhe dava um prazer especial. Na fila do castigo estão Herculano e Sant'Ana, o primeiro havia sido flagrado masturbando-se no convés e, provocado pelo segundo, partiu para a briga; pena: vinte e cinco chibatadas para cada. Depois, Amaro, o Bom-Crioulo, um homem robusto, de formidável estatura, nervos de aço. Volta e meia arrumava suas brigas nos cais onde atracavam, culpa da aguardente. O motivo de sua prisão fora ter esmurrado um segunda-classe que maltratara o Aleixo, rapazinho de olhos azuis, por quem se apaixonara, como se o grumete fosse mesmo uma mulher formosa, uma razão de viver. Assombrada, a população vê o Bom-Crioulo receber, calado, vinte e cinco, cinqüenta, cem chibatadas. Só então estremeceu, para gozo do Agostinho. Foram cento e cinqüenta chibatadas. Estava terminado o castigo. A população voltava à faina.

## II.

Amaro aparecera no Rio vindo não se sabe de onde. Negro fugido, fora recrutado pela Marinha e apaixonara-se logo pela vida de bordo. Era uma liberdade tão grande para quem passara toda a vida na fazenda, preso ao cabo da enxada! Ganhou logo a afeição dos oficiais; nunca dava trabalho e aprendia rápido. Isso lhe valeu o apelido de Bom-Crioulo. Durante o período de aprendizado, sonhava com poder embarcar definitivamente. Quando isso aconteceu, rapidamente ganhou a amizade e o respeito dos companheiros do cruzador de alto-mar, pela sua seriedade e força bruta. Depois, sonhou em embarcar no navio do Almirante Albuquerque, que diziam recompensar bem seus bons marinheiros. Diziam também que tinha umas preferências sexuais estranhas, mas Amaro não tinha nada com isso! Cada um com seu vício, que diabo!

Quando embarcara na corveta, já tinha 30 anos, era marinheiro de segunda classe e cansara-se do mar. Na viagem de volta, seu comportamento mudou: lerdava no mastro, mostrava-se aborrecido com as tarefas. Diziam que a culpa era do seu envolvimento com o Aleixo, o menino que embarcara como grumete no Sul. Bom-Crioulo não se importava com os comentários, desde que não lhe viessem dizer na cara, senão veriam! A atração irresistível que sentira pelo rapazinho de olhos azuis nascera de modo natural, como qualquer grande afeição de um homem por uma mulher. Nunca experimentara algo semelhante. Desde logo tratou de ir seduzindo o novo marinheiro.

Aleixo era filho de uma família pobre de pescadores. A princípio, Bom-Crioulo o assustara, mas foi se acostumando aos carinhos e à solicitude de Amaro. Começava a sentir uma sincera afeição por ele, e o castigo que o negro recebera por sua causa calou fundo na sua alma.

Bom-Crioulo voltara outro do Sul. Perdera a compostura e o respeito aos superiores. Na verdade, desde que fora injustamente castigado por um capitão-de-mar, o Varela, em outra viagem, anos antes, tornara-se um tanto ressentido, enrolava o serviço, passava um mês no hospital, outro a bordo, outro de licença em terra; trabalhava pelo soldo.

## III.

Depois da calmaria, uma viração empurrava a corveta para mais perto de casa. A tripulação exultava, apenas Bom-Crioulo sofria com a possibilidade do fim daquela viagem, pois talvez tivesse que se separar do Aleixo. Não entendia o que estava acontecendo. Nas duas únicas vezes que se metera com mulheres na vida, tentando experimentar o sexo, dera péssimo exemplo de homem. Nunca se interessara por essas coisas. De onde viera, então, aquela súbita paixão por Aleixo, aquele desejo de posse animal, aquela incapacidade de resistir aos impulsos do sangue? Queria revoltar-se contra aquela imoralidade, mas não conseguia!

Aleixo, por sua vez, ia satisfeito com a vida de grumete. Era o "boy" dos oficiais, sempre muito asseado e composto. Bom-Crioulo era o responsável por aquela transformação; ele ensinara o menino a se vestir, a conquistar simpatias. Dera a ele um espelhinho, ensinara-o a dar laço na gravata, a usar o boné de lado, a camisa um bocadinho aberta. Finda a aprendizagem do rapazola, Bom-Crioulo orgulhava-se da linda figura que compusera.

Um dia, Amaro chamou Aleixo à proa para conversar. Propôs protegê-lo e ensiná-lo a viver no Rio de Janeiro. Aleixo deixava-se levar pelos planos do amigo e fantasiava a vida na capital: morariam juntos em uma quarto da Rua da Misericórdia. Conversavam e assistiam à passagem de um transatlântico carregado de imigrantes quando, de repente, o tempo mudou; uma montanha de nuvens se aproximava, viria uma tempestade. O navio agitava-se, preparando-se para a luta contra a natureza. Durou uma hora e meia o aguaceiro, até que o sol iluminou de novo o horizonte, só o vento persistia. Bom-Crioulo, cansado do extenuante trabalho, desceu à coberta. O ambiente era frio, úmido. Ele e Aleixo, bem próximos, conversaram sobre a tempestade e trocaram histórias até o anoitecer.

Depois, os marinheiros aproveitaram o luar e a noite para festejar. Menos Bom-Crioulo, que desceu as escadas em busca de abrigo e descanso. A coberta era nauseabunda, um cheiro acre de suor, urina e alcatrão misturados empesteava o ambiente. Naquela noite, queria resolver logo aquilo, não podia esperar mais. Esgueirava-se entre as macas, procurando Aleixo. Quando o encontrou, deitou-se ao lado dele, escondidos de todos. O grumete loiro estava imóvel não teve ânimo de negar nada. Lembrou-se do castigo que o Bom-Crioulo sofrera por causa dele, das promessas de abrigo e proteção no Rio de Janeiro; no fundo, sentia no sangue um desejo de ceder às vontades do negro. "Consumou-se o delito contra a natureza".

## IV.

Enfim a corveta lançou âncora no mar do Rio de Janeiro. Bom-Crioulo sentia um misto de alegria e preocupação. Depois de mais de seis meses de escravidão no mar (isso que chamavam "servir à pátria"), enfim chegava à terra firme. Mas o destino de sua relação com Aleixo incomodava-o um pouco. A qualquer momento, aquela vida de marinheiros podia separá-los. Então o que faria? Como viver sem o grumete agora que descobrira aquele gozo, aquele delírio de pederasta? Sequer podia se sentir culpado, era a "natureza" que se lhe impunha aquele castigo.

Ficou esperando autorização para descer à terra. Dormiu. Acordou sobressaltado, percebeu irritado que havia derramado líquido seminal enquanto dormia. Saiu para o convés irado. Só o encontro com Aleixo animou-o. Enfim puderam descer. Passaram pelo decadente Largo do Paço, beberam alguma coisa e foram andando para a Rua da Misericórdia. Pararam defronte de um sobradinho, próximo ao Arsenal de Guerra. Em baixo, moravam uns pretos de Angola. Em cima, a D. Carolina, uma senhora redonda e meio idosa, que abraçou com alegria o Bom-Crioulo.

D. Carolina era uma portuguesa que alugava quartos. Não discriminava os fregueses. Tivera, quando moça, uma casa sua na Rua da Lampadosa, chamavam-na Carola Bunda. Isso fora há muito tempo; bons tempos!, de muito dinheiro, mas adoecera gravemente. Depois tropeçara pela vida, foi para Portugal, retornou ao Brasil, e agora vivia da renda dos aluguéis e da ajuda de um amante, um açougueiro, senhor Brás, que aparecia às vezes. Estimava o Bom-Crioulo desde o dia em que ele a salvara, na rua, de dois pilantras que a assaltavam e podiam até matá-la! Tornaram-se íntimos e, desde então, Amaro só se hospedava na Rua da Misericórdia.

Enquanto Bom-Crioulo contava a D. Carolina seu caso com o grumete, Aleixo reparava na decoração da sala de jantar. Tudo cheirando a sebo e cânfora, velho, poento e incolor. Os marinheiros foram arranjados no comodozinho de cima, onde podiam ficar mais a sós.

## V.

Bom-Crioulo viveu meses felizes no sobradinho. Enfeitou o quartinho com bugigangas. Ia ao navio fazer suas obrigações e voltava para os braços do grumete. Aleixo também estava feliz. Como era comportado e asseado, tornou-se protegido dos oficiais. Uma coisa apenas o incomodava: os caprichos libertinosos, os excessos extravagantes do companheiro. Os desejos de Bom-Crioulo eram de touro, tinha um amor e

uma admiração quase cegos pelo grumete. D. Carolina chamava o rapazinho de olhos azuis de "Bonitinho", desdobrava-se em carinhos para ele.

Era dezembro, reinava um calor insuportável e a corveta entrou para o dique, teria que sofrer reparos. Bom-Crioulo tinha mais tempo para ir à Rua da Misericórdia. Bebia seu golito de conhaque e sentia-se, agora, um pouco desanimado, mais magro. Mas era feliz com Aleixo. A corveta saiu do dique, mas Bom-Crioulo se viu surpreendido, nomeado para outro navio, um grande navio de guerra. Ficou furioso por ter de se separar do seu amigo. Ameaçou-o, caso se engraçasse com algum oficial. E foi-se, triste, servir na sua nova casa no mar.

## VI.

No dia seguinte, Aleixo não encontrou o Bom-Crioulo no quarto. Adormeceu, esperando pelo negro. Quando acordou, ele não havia aparecido. Não importava, afinal não era impossível viver sem Amaro. Na verdade, nos últimos tempos, pensava mesmo em arranjar alguém melhor, de posição. Sacrificava-se pelo Bom-Crioulo e o que ganhava? Nada.

Foi interrompido pela presença de D. Carolina. Conversaram enquanto ele se arrumava para uma volta no Passeio Público. Ela queria lhe falar quando voltasse. Ele saiu, ela se perdeu em seus pensamentos: há dias metera na cabeça conquistar Aleixo. Tinha 38 anos, não estava tão acabada assim, e cansara dos marmanjos. Ele, por sua vez, não desgostava dela; até se excitara, certa vez, ao vê-la em mangas de camisa e pernas à mostra.

Quando ele voltou do Passeio, ela levou-o para o seu quarto com uma larga cama de casal. Elogiou-o e disse que estava apaixonada. Foi-se colando a ele. D. Carolina sentia uma fúria lúbrica, de mulher acordada por uma sensação nova. Cravou-lhe os dentes, jogou-o para cama, despiu-se e atirou-se sobre ele como um animal formidável, cheio de sensualidade, extremamente excitada. Acordaram exultantes, os dois. Combinaram se encontrar quando Bom-Crioulo não viesse à terra.

Aleixo voltou para a corveta pensando em como seria bom se pudesse se livrar do negro, sonhando com o corpo gordo, os quadris largos, a face risonha da portuguesa.

## VII.

Bom-Crioulo detestou o couraçado. Os oficiais precaveram-se contra ele e não queriam deixá-lo desembarcar. No quarto dia, infiltrou-se no barco de compras que ia à terra. No cais, fugiu para o sobradinho da Rua da Misericórdia. Foi recebido por D. Carolina e ficou esperando por Aleixo. Desconfiou da bagunça do quartinho. Mas estava alegre e dormiu. A portuguesa acordou-o ao meio-dia, assustou-se com a sua idéia de fugir. Amaro saiu um pouco para passear; na Taverna da esquina, encontrou uma multidão em volta de um velho que se contorcia no chão, num ataque epilético. Bom-Crioulo suspendeu o velho nos braços e correu com ele para a Santa Casa de Misericórdia, assombrando o povo com sua força. Voltou à taverna e começou a beber. Queria se embriagar. Era domingo. Desceu cambaleando para o Largo do Paço, com a mente turva, e os cachorros da rua começaram a provocá-lo. No cais, xingou uma embarcação imóvel. Quando pensava em voltar, deu de cara com um galego e provocou-o. O português atirou-se sobre ele e começaram a brigar. A multidão acudiu para ver o rolo. Bom-Crioulo puxou sua navalha; formou-se uma roda em volta dele. Um primeiro-tenente e alguns marinheiros dominaram-no, a custo. Foi uma luta para embarcá-lo, Bom-Crioulo rugia num desespero hidrofóbico.

## VIII.

O comandante do couraçado era uma lenda: militar irrepreensível de quem se "diziam coisas", que não gostava de saias. Bom-Crioulo acordou na solitária, depois de uma noite de alucinações causadas pela embriaguez. O castigo foi terrível. Suportou com grunhidos as chibatadas, mas quando caiu foi preciso levá-lo à terra, para o hospital.

Aleixo, naquele dia, estava de folga. Foi ver a portuguesa, com medo de encontrar Bom-Crioulo. Agora que estava escravo da portuguesa, a simples lembrança do negro causava-lhe repugnância e ódio. Por sorte, encontrou D. Carolina a lavar roupa, e ficou admirando a beleza de seu corpo, sua pele alva, enquanto ela

terminava o serviço. Sentiam uma atração irresistível, e acabaram por tomar banho ali mesmo, juntos, no tanque do quintal. Aquele amante moço fazia D. Carolina remoçar, como se fosse um milagroso afrodisíaco. Ele não sabia fazer outra coisa senão desejá-la no seu furor de adolescente.

Depois do jantar, declararam-se amor. Pairava sobre eles a sombra terrível do Bom-Crioulo, mas nem isso os impediu de atravessar a noite em delírios de gozo e sensualidade.

## IX.

No hospital, Bom-Crioulo sofria. A lembrança de Aleixo não lhe saía da cabeça. Sonhava com a liberdade e com o amor do grumete. À noite, sozinho, sentia uma mistura de tristeza, desgosto e ódio: o companheiro não o procuraria? Teria arrumado outro? Na enfermaria, nem a bela paisagem que se via da janela o animava. Isolava-se dos demais doentes. Passava as horas naquela angústia, a olhar para um retratinho barato que tinha de Aleixo, numa contemplação mística.

Enviou um bilhetinho ao amigo e ficou esperando, sôfrego e apreensivo, uma resposta que não veio. Aquele desprezo o encheu de cólera. Então ele tinha mesmo arrumado outro?! Como tivera coragem? À noite, não dormiu. O cheiro de detergente e alfazema da enfermaria, os gemidos dos doentes, tudo aumentava seu desespero.

Nos dias seguintes, tentou esquecer, em vão, aquele vício, aquela paixão, aquela loucura que ele, tão forte, não conseguia dominar. Começou a pensar numa maneira de fugir do hospital. Os dias passavam e a existência tornava-se cada vez mais insuportável. Uma noite foi preso quando tentava escalar o muro do hospital...

## X.

D. Carolina e Aleixo viviam felizes, agora que a figura do negro desaparecera de suas vidas. Ele encorpara, estava virando homem. O sotãozinho estava abandonado; viviam juntos no quarto dela. Aleixo, com ciúmes, quis que ela abandonasse o Manoel, que lhe ajudava a sustentar a casa. Ela disse que sim, mas, às escondidas, encontrava-se com o amante para poder equilibrar o orçamento. A vida era uma embarcação em mar de rosas. Até que chegou às mãos da portuguesa o bilhete do Bom-Crioulo. D. Carolina rasgou-o em pedacinhos, mas depois ficou pensando, inquieta: tinha medo do que poderia acontecer se Amaro descobrisse tudo; cenas de sangue vinham-lhe à cabeça. Naquela noite, quase não conseguiu dormir.

No dia seguinte, Aleixo estranhou encontrar a porta da rua fechada, assim como os carinhos tantos que ela lhe dispensava naquela tarde. Entregava-se a ele quase maternalmente, para dissipar os temores do bilhete. Como não dissesse nada, o rapaz amuou. O jantar foi de cara amarrada. Enfim, ela resolveu contar-lhe tudo. Aleixo surpreendeu-se: então Bom-Crioulo ainda pensava nele! Discutiram o assunto e resolveram esquecê-lo. Decidiram sair ao Passeio Público, para aproveitar a noite e espairecer.

## XI.

Ódio, amor e ciúme confundiam-se nos sentimentos de Bom-Crioulo. No hospital, durante o dia, ainda tentava se esquecer de Aleixo, mas à noite era tomado por um desespero incrível, agravado por feridas que haviam brotado por todo o seu corpo e não o deixavam dormir, tal a coceira provocada pela sarna.

Era um sábado, feriado, quando Bom-Crioulo reconheceu entre os marinheiros visitantes do hospital o Herculano, o *Pinga* da corveta! Foi ele quem lhe disse que Aleixo reinava na embarcação, muito íntimo dos oficiais, e que parecia amigado de uma rapariga em terra. Bom-Crioulo ouviu aquilo engolindo uma onda de cólera. À noite, fugiu. Queria vingar-se; queria agora gozar o grumete maltratando-o, fazendo-o sofrer! Planejou a fuga com cuidado; foi para as praias da ilha e ficou esperando o amanhecer, o descortinar-se dos Órgãos, de Niterói, da Barra, do Pão de Açúcar. Conseguiu que um velho galego o levasse ao continente em um bote. Estava um dia lindo, um dia de galas e de liberdade!

## XII.

Bom-Crioulo chegou cedo à Rua da Misericórdia. Ia atordoado, os olhos turvos, a mente confusa com vagas lembranças de felicidade. Mas quanto mais lembrava o passado, mais o ódio tomava conta dele. Não

conseguia fixar seu olhar em nada. Sentia uma zoada no ouvido, um desejo de matar, de sangue. Sentia-se fraco. O sobrado estava fechado. Tonto, refugiou-se na padaria. Um empregado contou-lhe tudo, que D. Carolina e Aleixo estavam amigados.

Então Aleixo apareceu na rua. Amaro precipitou-se para ele, agarrou-o pelo braço. Aleixo debatia-se, pálido. Bom-Crioulo falava baixo e mesmo assim os transeuntes foram se aproximando, contemplando o rapaz que se esforçava por se livrar. Começou um tumulto, um alvoroço, guardas apareceram. Em pouco tempo, não era possível enxergá-los no meio da balbúrdia. De repente o povo recuou assustado.

D. Carolina chegara à janela para saber o que acontecia. Viu, no meio de duas fileiras de curiosos, o corpo ensangüentado do grumete, logo carregado por dois marinheiros. Cada vez mais a rua se enchia de gente. Todos sentiam uma irresistível atração, uma ânsia pelo cadáver. Ninguém reparava no negro que descia a rua triste e desolado, entre baionetas.

Até que o carro lúgubre partiu, a onda de curiosos foi se espalhando, se espalhando, até cair tudo na monotonia habitual.

## Foco narrativo

Temos um foco narrativo em terceira pessoa, com narrador onisciente. É bastante utilizado o **discurso indireto livre** para desvendar os pensamentos e sentimentos dos personagens, recurso que Adolfo Caminha talvez tenha aprendido em Eça de Queirós, uma de suas maiores influências literárias.

## Tempo

Pelas descrições do ambiente do Rio de Janeiro, podemos afirmar que a história é contemporânea de sua publicação, isto é, acontece no final do século 19, pouco tempo depois da proclamação da República no Brasil.

Predomina o tempo cronológico, mas não é possível precisar o intervalo em que ocorre a narrativa. Quando Amaro vai para o couraçado, ficamos sabendo que ele e Aleixo estão juntos há cerca de um ano, mas a história prolonga-se por um tempo indefinido, até o desfecho com o assassinato do grumete.

Em alguns momentos, há o uso do *flash-back*, para recuperar as origens dos personagens principais ou quando Amaro, internado no hospital, se lembra dos bons tempos com Aleixo.

## Espaço

Vamos analisar o espaço do *Bom-Crioulo*, dividindo-o em externo e interno.

Os cenários externos principais são contrastantes: a paisagem marítima[1] descrita com um certo romantismo:

**A lua surgindo lenta e lenta, cor de fogo a princípio, depois fria e opalescente, misto de névoa e luz, alma da solidão, melancolizava o largo cenário das ondas, derramando sobre o mar essa luz meiga, essa luz ideal que penetra o coração do marinheiro, comunicando-lhe a saudade infinita dos que navegam.**

**(...)**

**Enquanto não chegava a hora triste do silêncio oficial, a hora do sono, que se prolongava té o romper d'alvorada, marinheiros divertiam-se à proa, (...). Não se perdia um luar como aquele! Tinham trabalhado muito: era preciso folgar também. Deitados no convés, de ventre para o ar, outros em sentido contrário, (...) formavam roda em cima do castelo, enquanto era cedo.**

ou, quando se trata da vida de marinheiro, descrições carregadas de **impressionismo**, revelando um ambiente opresso e ofegante, como no momento em que os marinheiros estão para ser castigados, logo ao início da narrativa:

**Havia pouco entrara na região das calmarias: o pano começava a bater frouxo, mole, inchando a cada solavanco, para recair depois, com uma pancada surda e igual, no mesmo abandono sonolento; a viagem tornava-se monótona; (...).**

**A luz intensa do sol caía do alto pondo brilhos de malacacheta no cristal imenso do mar calmo. Um calor forte e asfixiante penetrava a carne, acelerando a circulação, congestionando, irritando o sistema nervoso atrozmente, implacavelmente.**

1 É notável a competência com que Adolfo Caminha descreve o espaço do navio (pudera: o autor cursou a Escola Naval e foi guarda-marinha) e a paisagem do Rio de Janeiro, principalmente a que se vê da orla marítima, aparecendo aqui e ali, ao longo da história.

A pobreza e a sujeira das ruas suburbanas do Rio de Janeiro acentuam o contraste com as descrições românticas do mar:

**Faiscavam as pedras da rua sob a luz perpendicular do meio-dia. (...) Os moradores debruçavam-se às janelas, esticando o pescoço com uma interrogação no olhar. (...) O padeiro, em mangas de camisa, chegou à porta, com um lápis atrás da orelha, arrastando os chinelos.**

**Nenhum esto de vista quebrava a monotonia do quarteirão; somente o ruído dos bondes e uma ou outra voz falando alto. Pairava um cheiro forte de urina, assim como uma emanação agressiva de mictório público, envenenando a atmosfera, intoxicando a respiração. Os primeiros reflexos do sol batiam nas vidraças obliquamente acordando os moradores, colorindo a frente das casas em pinceladas de ouro, dando brilhos de cristal puro ao granito dos portais, doendo na vista como fulgurações quentes de revérbero; e já se começava a sentir um calorzinho brando, uma tepidez morrinhenta, um princípio de mormaço.**

Os espaços internos são o interior da corveta, em alto-mar, onde Bom-Crioulo e Amaro se conhecem, e o sobradinho da Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, onde vão viver em terra e, posteriormente, D. Carolina e Aleixo se amasiam.

Dentro da corveta, o ambiente é desagradável, repugnante mesmo, quando serve de cenário para os contatos mais íntimos entre Amaro e Aleixo:

**O convés, tanto na coberta quanto na tolda, apresentava o aspecto de um acampamento nômade. A marinhagem, entorpecida pelo trabalho, caíra numa sonolência profunda, espalhada por ali ao relento, numa desordem geral de ciganos que não escolhem terreno para repousar. Pouco lhe importavam [a Bom-Crioulo] o chão úmido, as correntes de ar, as constipações, o beribéri. Em baixo era maior o atravancamento. Macas de lona suspensas em varais de ferro, umas sobre as outras, encardidas como panos de cozinha, oscilavam à luz moribunda e macilenta das lanternas. Imagine-se o porão de um navio mercante carregado de miséria. No intervalo das peças, na meia escuridão dos recôncavos moviam-se corpos seminus, indistintos. Respirava-se um odor nauseabundo de cárcere, um cheiro acre de suor humano diluído em urina e alcatrão. Negros, de boca aberta, roncavam profundamente, contorcendo-se na inconsciência do sono. Viam-se torsos nus abraçando o convés, aspectos indecorosos que a luz evidenciava cruelmente.**

O mesmo acontece na descrição do quarto do sobradinho em que vão viver Bom-Crioulo e Aleixo quando chegam ao Rio de Janeiro:

**O quarto era independente, com janela para os fundos da casa, espécie de sótão roído pelo cupim e tresandando a ácido fênico. (...) Todo dinheiro que [Bom-Crioulo] apanhava era para compra de móveis e objetos de fantasia rococó, "figuras", enfeites, cousas sem valor, muita vez trazidas de bordo... Pouco a pouco o pequeno "cômodo" foi adquirindo uma feição nova de bazar hebreu, enchendo-se de bugigangas, amontoando-se de caixas vazias, búzios grosseiros e outros acessórios ornamentais. O leito era uma "cama de vento" já muito usada, sobre a qual Bom-Crioulo tinha o zelo de estender, pela manhã, quando se levantava, um grosso cobertor encarnado, "para ocultar as nódoas".**

Essa caracterização negativa do espaço que envolve a relação "proibida e imoral" entre Bom-Crioulo e Aleixo tem um peso valorativo: funciona como uma crítica ao relacionamento homossexual, um julgamento moral: o espaço é decadente porque o que acontece entre os dois marinheiros também é decadente.

Mas o mesmo não vale quando se trata de descrever o cenário dos encontros entre Aleixo e D. Carolina:

**O quarto de D. Carolina ficava justamente por baixo do sótão, na frente da casa, um largo aposento de mulher solteira, onde havia uma bela cama de casal com travesseiros de renda.**

**Estiveram ali, debaixo do telheiro de zinco, um ror de tempo – o grumete sentado à beira do tanque, perna trançada, a portuguesa muito açodada na faina de concluir a lavagem.**

**Fora daquele pequeno espaço refrescado pela água, brilhava o sol com uma intensidade rútila e abrasadora. O capim seco do corador ardia, muito raso, muito desolado e outoniço. Na vizinhança, um papagaio de estima berrava estridentemente. Havia grande calma. A água da bica não cessava de cantar no tanque, escorrendo, escorrendo...**

**(...)**

**O tanque estava cheio a transbordar. Via-se-lhe o fundo claro através da água límpida e fresca.**

# Personagens

**Amaro, o Bom-Crioulo**

Personagem principal (protagonista), ex-escravo, tem cerca de 30 anos. De início, bom marinheiro, respeitado pela seriedade, força e valentia. Mas aos poucos vai se tornando relaxado, principalmente depois de se apaixonar pelo grumete Aleixo. Sem conseguir se relacionar com mulheres, acaba se envolvendo em uma relação homossexual, da qual não consegue sair e à qual não consegue resistir.

**Aleixo**

Adolescente (cerca de 15 anos), veio de família pobre de pescadores. Claro de olhos azuis, sua figura cativa a todos. Torna-se objeto das paixões de Amaro e D. Carolina. Morre tragicamente ao final.

**D. Carolina**

Portuguesa, ex-prostituta, 38 anos. A princípio, grata a Amaro por este ter lhe salvado a vida no passado, acaba roubando do Bom-Crioulo o grumete Aleixo, que seduz com sua experiência e o resto de sensualidade que lhe sobrou.

**Herculano**

Marinheiro imberbe, mórbido, solitário, é castigado ao início da narrativa por ter sido flagrado se masturbando.

**Sant'Ana**

Marinheiro castigado por ter se envolvido em briga com Herculano. Manhoso, gago.

**Agostinho**

Guardião do navio, especialista em aplicar chibatadas, é um sádico que se aproveita do seu ofício: adora castigar.

O reduzido número de personagens significativos na narrativa (apenas os três primeiros acima) e a casualidade de alguns acontecimentos soltos na trama parecem denunciar o pouco fôlego de Adolfo Caminha como escritor. Exemplos desses acontecimentos são a "coincidência" da visita de Herculano ao hospital, quando diz a Amaro do destino de Aleixo, ou a presença fantasma do açougueiro amante de D. Carolina em algumas passagens do livro.

O crítico Georg Lukács chama a atenção para a necessidade de o escritor "superar na representação a casualidade nua e crua, elevando-a no plano da necessidade". Ou seja: não é que fatos casuais não possam ocorrer, mas eles precisam "ser exigidos" pela narrativa. Por que Amaro precisa esperar pela visita de Herculano para se decidir pela fuga? É mesmo necessária a presença fantasma do amante de D. Carolina no desenrolar da história?

Quanto à questão da composição dos personagens, os três últimos anteriormente citados são meros esboços de figuras naturalistas, caricaturas de homens dominados por suas fraquezas. Mesmo D. Carolina e Aleixo caem no esquematismo descritivista observado por Lukács:

**As qualidades humanas passam a existir umas ao lado das outras e vêm descritas nesta compartimentalidade, em vez de se realizarem nos acontecimentos e de manifestarem assim a unidade viva da personalidade nas diversas posições por elas assumidas, bem como nas suas ações contraditórias. À falsa vastidão dos horizontes do mundo externo corresponde, no método descritivo, um estreitamento esquemático nas caracterizações humanas. O homem aparece como um "produto" acabado de componentes sociais e naturais de várias espécies. A profunda**

**verdade social do entrecruzamento no homem de determinantes sociais com qualidades psico-físicas acaba sempre por se perder.**

Não é o caso de Amaro. Este vive integralmente suas contradições, até as últimas conseqüências: reconhece em Aleixo a causa de sua decadência, mas vai até o fim no seu amor; seus ciúmes no hospital estão em constante contraste com sua saudade carregada de sensualismo; sabe o quanto o álcool lhe faz mal, mas procura-o como último recurso quando já não suporta a realidade. Sua personalidade, ao longo de todo o romance, é mesmo aquela figura enlouquecida e apaixonada que, no último capítulo, caminha com desejo e ódio ao encontro de Aleixo e de seu destino. Como bem notou Alfredo Bosi, Amaro é "coerente na sua passionalidade que o move, pelos meandros do sadomasoquismo, à perversão e ao crime".

# Linguagem

A principal marca do estilo naturalista é o descritivismo detalhista, visando à objetividade cientificista na narração, mas não se pode afirmar que Adolfo Caminha abuse desse recurso nesta obra. Pelo contrário: a influência de Eça de Queirós parece ter sido positiva no que toca ao uso parcimonioso das descrições aliado a uma exploração do mundo interior dos personagens (o Bom-Crioulo, em particular) por meio do discurso indireto livre.

Além disso, há em Caminha aquilo que Massaud Moisés chama de "lastro romântico que suportava a cosmovisão realista: veja-se a abundância de reticências que destroem a idéia de apreensão total das circunstâncias e objetos, que constituía apanágio do Realismo [Naturalismo], e chamam para o indefinido e a fantasia desatada, como algumas vezes acontece". Tal particularidade é perceptível nas descrições, por exemplo, no episódio da borrasca que atinge a corveta pouco antes do atracamento no Rio de Janeiro ou na cena de despedida para o primeiro embarque de Amaro. Vejamos um trecho:

**Quando o escaler que o conduzia se afastou da ponte, onde os companheiros acenavam com os bonés, num entusiasmo comovente, ele sentiu a quentura de uma lágrima fugitiva descer-lhe rosto abaixo, e, disfarçando, pôs-se também a acenar, em pé na embarcação, vendo sumirem-se, pouco a pouco, na bruma do crepúsculo, os contornos da ilha e as saudações da maruja.**

**(...)**

**Não dormiu toda essa noite. Estendido no convés, sobre o dorso, como se estivesse num bom leito macio e amplo, viu desaparecerem as estrelas, uma a uma, na penumbra da antemanhã, e o dia ressurgir glorioso, dourando os Órgãos, ourejando os edifícios, cantando o hino triunfal da ressurreição.**

**E pouco depois o esplêndido cenário da baía transformara-se num vastíssimo oceano deserto e resplandecente, desdobrando-se num círculo imenso d'água, onde não verdejava sequer um canto de oásis... A grandeza do mar enchia-o de uma coragem espartana. Ali se achava, ao redor dele, a sublime expressão da liberdade infinita e da soberania absoluta, cousas que o seu instinto alcançava muito vagamente através de um nevoeiro de ignorância.**

É interessante notar, também, como o autor trabalha a linguagem para tratar do sexo. Tudo é dito objetiva e cruamente, mas nunca a própria consumação do ato sexual – o narrador esconde-se por detrás das palavras: quando do episódio da masturbação de Herculano (o Pinga) no navio ("cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados"); quando da posse de Aleixo por Amaro ("E consumou-se o delito contra a natureza"); quando da polução de Amaro, no capítulo IV ("passou a mão no lugar úmido, e verificou, cheio de indignação, cheio de tédio, com um gesto de náusea, a irreparável perda que sofrera inconscientemente durante o sono"); e assim por todo o livro. Essa atitude é comum também quando se trata de expressões de baixo calão proferidas pelos personagens. Amaro nunca completa a expressão "– ... que os pariu!". São sempre as mesmas reticências...

O crítico Antonio Candido explicou coerentemente esse aspecto nos nossos naturalistas:

**Há, portanto, uma espécie de degradação do enfoque "natural" de Zola[2], quem sabe por causa de certo sentimento ateu do pecado, visível não apenas em Aluísio [Azevedo][3], mas em Eça de Queirós[4], Abel Botelho[5], Adolfo Caminha, Júlio Ribeiro[6], que também receberam mais ou menos a sua influência. É como se nas sociedades mais atrasadas e nos países coloniais o provincianismo tornasse difícil adotar o Naturalismo com naturalidade, e as coisas do sexo acabassem por despertar inconscientemente um certo escândalo nos que se julgavam capazes de enfrentá-las com objetividade desassombrada.**

**2** Emile Zola (1840-1902) – escritor francês, principal autor da escola naturalista, autor, entre outros, do célebre romance *Germinal*.

**3** Aluísio Azevedo (1857-1913) – principal nome do Naturalismo no Brasil, autor, entre outras obras, do romance fundador da escola no nosso país (*O mulato*, 1881) e da obra-prima naturalista brasileira (*O cortiço*).

**4** Eça de Queirós (1846-1900) – escritor realista-naturalista português, autor de várias obras-primas naturalistas da literatura de língua portuguesa, como *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*.

**5** Abel Botelho (1854-1917) – importante nome do Naturalismo em Portugal, autor de *O Barão de Lavos*, *Amanhã*, *Os Lázaros* etc.

**6** Júlio Ribeiro (1845-1890) – escritor naturalista brasileiro, muito popular no final do século 19, célebre pelo apelo sensual de suas obras, como *A carne* (1888).

# Interpretação

É mais que sabido o quanto o Naturalismo brasileiro é devedor do Naturalismo francês. Foi nas leituras de Zola, principalmente, que nossos escritores do período se formaram e se embasaram das teorias e do estilo dessa escola.

Teoricamente, foi por meio do **cientificismo** reinante no período que se traçaram as principais linhas ideológicas, temáticas e estilísticas a ser seguidas: no **determinismo** taineano, no **positivismo** comteano e no **evolucionismo** darwiniano repousavam os preceitos ideológicos principais da escola. Tratava-se de dar um escopo de ciência exata às ciências humanas, à arte em geral e à literatura em particular.

Estilisticamente, o descritivismo deu o tom. Zola adotou e difundiu o registro direto e minucioso da realidade como prática mais eficiente e adequada às necessidades artísticas do seu tempo.

Georg Lukács viu no descritivismo uma prática estilística que nivelava o que deveria ser resultado de uma distinção e ordenação por parte do narrador ("A narração distingue e ordena, a descrição nivela todas as coisas"). O romance naturalista, para ele, seria uma má alegoria da realidade, ao se ater à pura observação desta. Lukács critica especialmente Zola, mas sua crítica nem sempre tem fundamento, como já notou, por exemplo, o professor Antonio Candido: o Naturalismo nem sempre é alegórico. Erich Auerbach, por sua vez, demonstrou a força das descrições de Zola e sua importância histórica e estilística na literatura, principalmente no tocante a trazer para esta o "quarto estado francês", isto é, o povo.

Como enquadrar um romance como *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha nas discussões que já se travaram sobre o Naturalismo, principalmente quando consideramos que seus pressupostos teóricos e os modelos temáticos, herdados da Europa, nem sempre funcionavam no Brasil e precisavam ser aqui reinterpretados e reconstruídos para dar conta da realidade?

Propomo-nos aqui a apresentar uma breve análise do *Bom-Crioulo* nesta perspectiva de funcionalidade do romance como naturalista, isto é, como ele lida com os pressupostos teóricos e estilísticos da escola, suas virtudes e incorreções.

## A escravidão e o preconceito racial

Massaud Moisés vê no *Bom-Crioulo* um romance que "focaliza o problema da escravidão, segundo um prisma abolicionista e republicano". Não acreditamos que seja assim. A história do "negro fugido" Amaro não nos parece ter como eixo central o problema da escravidão.

Sem dúvida que esse problema aparece no romance, mas *en passant*. Sem dúvida, também, que a posição do autor é abolicionista e republicana[7]. Veja-se esta passagem:

**A disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regime terrível do tronco e do chicote. Havia muita diferença. (...) Ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa, e comia bem, a fartar, como qualquer pessoa. (...) Depois, a liberdade, minha gente, só a liberdade valia por tudo! Ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias – o mesmo serviço, a mesma folga.**

Mas o tema central do romance é mesmo o homossexualismo, a pederastia. Trataremos disso mais adiante. Por ora, interessa-nos cuidar de analisar melhor o problema da negritude de Amaro. Se a posição do autor é francamente favorável a ele nesse aspecto em alguns momentos do romance ("... o drama do cativo parece avultar na medida de suas qualidades pessoais...", bem notou Massaud Moisés), se algumas vezes surge sua figura como heróica (o mais forte marinheiro, o episódio de socorro a D. Carolina ou ao transeunte com gota), nem por isso o autor deixa de descrever o Bom-Crioulo com todos os preconceitos de sua época e das teorias deterministas de Taine. Como prova disso, vejam-se algumas expressões retiradas

**7** Observação interessante: o retrato do imperador D. Pedro II, no quarto de Amaro, tão bem visto por este no capítulo VII do livro, poderia ir contra esta idéia e dar a entender que o livro é anti-republicano. Pelo contrário: o retrato do imperador, reinando em um ambiente tão promíscuo e decadente como o quarto do sobradinho, não seria mais que alegórico de Sua Majestade a reinar em um país decadente e também promíscuo, enfeitado por "móveis e objetos de fantasia rococó, 'figuras', enfeites, cousas sem valor, muita vez trazidas de bordo...".

de certas passagens do livro, referentes a Amaro: “não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue”, “desejo de posse animal”, “Se os brancos faziam, quanto mais os negros!”, “Momentos há em que os próprios animais caem extenuados...”, “Cousas do caráter africano”, “Ignorante e grosseiro”, “desespero hidrofóbico”, “orgulho selvagem de animal ferido”, e por aí vai.

Antonio Candido bem resumiu essa postura naturalista:

**A orientação científica se apresenta como interpretação objetiva do comportamento das personagens, mas adquire logo matizes valorativos, na medida em que naquele tempo esta modalidade de interpretação tinha uma função desmistificadora, sendo ruptura com o idealismo e esforço para enxergar a vida na sua totalidade (...).**

## Homossexualismo e pederastia

A questão da negritude, porém, é secundária. *Bom-Crioulo* filia-se, sem dúvida nenhuma, àquela corrente naturalista que se preocupava com “temas singulares, extraordinários, freqüentemente patológicos” (Erich Auerbach). É a relação homossexual entre Amaro e Aleixo o tema principal do livro. Mas como é vista essa relação pelo autor-narrador?

Caminha tenta ser o mais imparcial possível, atendo-se à observação pura e simples, como bom naturalista. Afinal, “ninguém está livre de um vício”. Mas esta mesma palavra – “vício” – já denota uma postura negativa em relação ao assunto. E o que se lê sempre, nas linhas e entrelinhas, é não só o homossexualismo, mas o sexo em geral, tratado como desvio, forma animalesca de estar no mundo. Ninguém é normal quando se trata de sexo: nem Amaro, nem Aleixo, nem D. Carolina.

Ao longo deste nosso estudo, vimos como a linguagem, a construção dos personagens e do espaço são perpassados pela idéia de que o homossexualismo leva a uma degeneração do ser humano. Apenas para corroborar essa idéias, veja-se o comentário a seguir, em que se analisa a decadência do Bom-Crioulo (apresentado inicialmente como um sujeito de qualidades físicas excepcionais e personalidade tranqüila) a partir do momento em que passa a ter uma relação “estável” com Aleixo no sobradinho de Carolina; decadência que só irá se prolongar, física e mentalmente, até o final do romance:

**Ultimamente [Amaro] começou a achar-se magro, sentindo mesmo uns longes de fraqueza no peito. Quando trabalhava muito ou fazia qualquer esforço, vinha-lhe uma sonolência profunda, uma vontade de estirar o corpo na cama fresca e macia, um relaxamento dos nervos... Os próprios companheiros notavam certa mudança em sua fisionomia (...).**

# Biografia

**Adolfo Ferreira Caminha (Aracati, Ceará, 1867 - Rio, 1897). Passou a infância na província natal, atribulado pela orfandade, por doenças e pela seca de 1877. Muda-se para o Rio de Janeiro onde, sob a tutela de um parente, cursa a Escola Naval. Como guarda-marinha, conhece em 1886 os Estados Unidos, viagem que lhe deu matéria para um livro de crônicas, *No país dos Ianques* (1894). Voltando ao Ceará, envolve-se num caso passional (rapto da esposa de um alferes, com a qual passa a viver e que lhe dá duas filhas). Obrigado a dar baixa na Marinha, parte para a Capital, onde trabalha como funcionário. Em Fortaleza, foi um dos mentores da Padaria Espiritual, grêmio que promoveu, de 1892 a 1898, os naturalistas da província. Morreu tuberculoso aos 29 anos de idade. Deixou publicados: *Judith e lágrimas de um crente*, contos, 1893; *A normalista*, 1893; *Bom-Crioulo*, 1895; *Tentação*, 1896, romances; *Cartas literárias*, 1895, crítica de fundo taineano, mas aberta ao simbolismo de Cruz e Souza. Inéditos: *Ângelo*, *O emigrado*, romances; versos e contos.**

**(Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*)**

# Glossário

**Cientificismo** - Crença no poder da ciência para resolver os problemas da humanidade, proporcionar ao homem o verdadeiro conhecimento do mundo  e satisfazer as indagações da mente humana.

**Determinismo** - Sistema filosófico criado pelo filósofo, historiador e crítico francês Hypollite Taine (1828-1893), que pregava a impossibilidade de o ser humano dirigir pessoalmente o seu destino, uma vez que ele estava subordinado a forças causais irresistíveis: sua herança biológica, o momento histórico e o meio em que vivia.

**Discurso indireto livre** - No discurso indireto livre não há verbos de elocução ou sinais de pontuação que indiquem onde termina a fala do narrador e onde começa a fala do personagem. Esta última é inserida na narrativa e o leitor deve apreender, pelo contexto, onde começa uma e termina outra. Esse tipo de discurso parece deixar o texto mais ágil, como se a narrativa estivesse sendo desenvolvida em forma de "fluxo de pensamento" do personagem.

**Evolucionismo** - Teoria elaborada pelo cientista inglês Charles Darwin (1809-1882), em sua obra *Da origem das espécies por via da seleção natural* (1859), que explicava a evolução e variação histórica das espécies, com base em suas observações pessoais da natureza, recolhidas em extenso trabalho de pesquisa pelo mundo.

**Impressionismo** - Tipo de manifestação artística que ocorreu na escola realista e consistia em manifestar as sensações (ou impressões) tais como elas eram instantaneamente sentidas pelo espírito.

**Positivismo** - Sistema filosófico de caráter cientificista defendido pelo matemático e filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), autor do famoso *Curso de filosofia positiva*; pregava a organização e o desenvolvimento empírico do conhecimento, em oposição às especulações metafísicas.

# Trechos para leitura

## Capítulo III

(...)

Bom-Crioulo estava de folga. Seu espírito não sossegara toda a tarde, ruminando estratagemas com que desse batalha definitiva ao grumete, realizando, por fim, o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega.

Por vezes tinha querido sondar o ânimo do grumete, procurando convencê-lo, estimulando-lhe o organismo; mas o pequeno fazia-se esquerdo, repelindo brandamente, com jeitos de namorada, certos carinhos do negro. – Deixe disso, Bom-Crioulo, porte-se sério!

Nesse dia Príapo jurou chegar ao cabo da luta. Ou vencer ou morrer! – Ou o pequeno se resolvia ou estavam desfeitas as relações. Era preciso resolver "aquilo".

– Aquilo quê? perguntou o rapazinho muito admirado.

– Nada; o que eu quero é que não te zangues comigo.

E precipitadamente:

– Onde vais dormir esta noite?

– Lá bem à proa, na coberta, por causa do frio.

– Bem: havemos de conversar.

Às nove horas, quando Bom-Crioulo viu Aleixo descer, agarrou a maca e precipitou-se no encalço do pequeno. Foi justamente quando o viram passar com a trouxa debaixo do braço, esgueirando-se felinamente...

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contatos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. A claridade não chegava sequer à meia distância do esconderijo onde eles tinham se refugiado. Não se viam um ao outro: sentiam-se, adivinhavam-se por baixo dos cobertores.

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer cousa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...

– Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza.

## Capítulo XII

(...) A mesma história de mulher! Bom-Crioulo ficou imóvel, calado, perdido nas suas idéias. – Aleixo amigado com a portuguesa, com a D. Carolina! Era inacreditável, era um desaforo sem nome, um desrespeito, uma falta de vergonha, um escândalo!

– Está admirado? perguntou o rapaz fitando o negro, cujo olhar tinha agora uma dolorosa, uma extraordinária, uma indizível expressão de melancolia e surpresa. Não se admire, não, que é o que todos dizem...

E logo, interrompendo-se, com o braço estendido:

– Olhe, nem de propósito: aí vem ele, o pequeno...

Aleixo ia saindo porta fora, tranqüilamente, apertado na sua roupa azul e branca de marinheiro, a camisa decotada, a calça justa.

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um – oh! rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, tresvairado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro. Precipitou-se, e, esbarrando com o grumete, fintou-o pelo braço.

Tremia numa crise formidável de desespero, os olhos congestionados, um suor frio a porejar-lhe da testa negra e reluzente.

O pequeno estacou surpreendido:

– Sou eu mesmo, rugiu Bom-Crioulo, sou eu mesmo! Pensavas que era só meter-te com a portuguesa, hein? Olha para esta cara, olha como estou magro, como estou acabado... Olha, olha!

E apertava bruscamente o outro, sacudindo-o como se o quisesse atirar ao chão.

– Vê lá se me conheces, anda! Olha bem para esta cara!

O efebo debatia-se, pálido, aterrado:

– Me largue! Não me provoque, senão eu grito!

– Anda pr'aí, grita, se és capaz! Grita, safado, sem-vergonha... mal-agradecido!

Sua voz tomava uma inflexão voluptuosa e terrível ao mesmo tempo; a palavra saía-lhe gaguejada, estuporada e trêmula.

– Grita, anda!

O outro mudava de cores, recuava trôpego, a língua presa, quase a chorar, numa aflição de culpado, o olhar azul submisso refletindo a imagem do negro:

– Me largue, repetiu. Eu lhe peço: me largue!

Transeuntes olhavam-nos de banda e voltavam-se para os ver naquela posição, rosto a rosto, juntinhos, agarrados misteriosamente. Porque Bom-Crioulo não falava alto, que todos ouvissem, não dava escândalo, não fazia alarme: sua voz era um rugido cavernoso e histérico, um regougo abafado, longínquo e profundo.

– Grita, anda, grita pela vaca da Carolina!

– Me solte! continuou o efebo trêmulo, acovardado. Me largue!

– Não te largo, não, cousinha ruim, não te largo, não! Bom-Crioulo, este que aqui está, não é o que tu pensas...

– Mas eu não fiz nada! Me solte, que é tarde!

Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado.

Um sujeito parou defronte, a olhá-los; vieram depois outras pessoas, outros curiosos; um marinheiro da Capitania, um italiano carregado de flandres, um guarda-municipal, crianças, mulheres...

Houve logo um fecha-fecha, um tumulto, um alvoroço. Trilaram apitos; vozes gritavam – rolo! rolo! e a multidão crescia no meio da rua, procurando lugar, empurrando, abrindo caminho, precipitando-se, formando um grande círculo de gente ao redor dos dois marinheiros, invisíveis agora.

Os bondes paravam. Senhoras vinham à janela, compondo os cabelos, numa ânsia de novidade. Latiam cães. Um movimento cheio de rumores, uma balbúrdia! Circulavam boatos aterradores, notícias vagas, incompletas. Inventavam-se histórias de assassinato, de cabeça quebrada, de sangue. Cada olhar, cada fisionomia era uma interrogação. Chegavam soldados, marinheiros, policiais. Fechavam-se portas com estrondo.

Alguma cousa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo.

– Abre! abre! diziam soldados erguendo o refle.

**De cima, das casas, mãos apontavam pra baixo.**

**E D. Carolina, que também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensangüentado...**

**– Jesus! Meu Deus!**

**Uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu-lhe um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel.**

**Muitas vistas dirigiam-se para o sobradinho.**

**Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida pra trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul escuro da camisa e a calça branca tinham grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados.**

**A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma: ânsia!**

**Ninguém se importava com "o outro", com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam "ver o cadáver", analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...**

**Mas um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, até cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém.**

# Bibliografia


Auerbach, Erich. "Germinie Lacerteux". *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

Bosi, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, s/d.

Caminha, Adolfo. *Bom-Crioulo*, Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956. Edição revista e anotada pelo professor Adriano da Gama Kury.

Candido, Antonio. "De cortiço a cortiço". *Novos Estudos Cebrap*, nº 30, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, São Paulo, julho de 1991.

Lukács, Georg. "Narrar ou descrever". *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

Moisés, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

Pereira, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920) – História da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

## Exercícios

**1.** Leia o trecho seguinte, de *Bom-Crioulo*, para responder às perguntas:

**Amaro soube ganhar logo a afeição dos oficiais. Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura de recruta alheio às praxes militares, rude como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas, no fim de alguns meses, todos eram de parecer que "o negro dava para gente". Amaro já sabia manejar uma espingarda segundo as regras do ofício, e não era lá nenhum botocudo em artilharia; criara fama de "patesca".**

a) Com base no trecho, justifique o apelido de Amaro.
b) Quais os primeiros indícios da mudança de comportamento de Amaro em relação à fama que conquistara?
c) Identifique e explique um trecho em que se revela o preconceito racial da época em que o livro foi escrito.

**2.** Leia o trecho de *Bom-Crioulo* e resolva as questões seguintes:

**Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma idéia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!...**

a) Que traços típicos da caracterização dos personagens naturalistas aparecem no trecho?
b) Que recurso de linguagem é utilizado para enfatizar os sentimentos de Amaro?

**3.** O trecho a seguir é uma reflexão de Amaro, de *Bom-Crioulo*:

**E o mais interessante era que "aquilo" ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a "natureza" impunha-lhe esse castigo.**

a) Por que o autor utiliza aspas em algumas palavras do trecho? Que palavras podem substituir as que estão aspeadas?
b) Que visão aparece d' "aquilo" ao longo da narrativa de Adolfo Caminha? Que palavras do trecho acima comprovam sua resposta?

**4.** Leia o trecho seguinte, do *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, e responda às questões que o seguem:

**(...) Agora [Amaro] compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres.**

**Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. (...)**

**Afinal de contas era homem, tinha suas necessidades, como qualquer outro (...). De qualquer modo, estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam cousas medonhas no tocante à vida**

**particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana...**

a) Por que podemos dizer que a justificativa de Amaro para o seu homossexualismo, perante a sua consciência, está carregada de preconceito racial?
b) Que palavra do texto caracteriza negativamente a homossexualidade? E qual revela a concepção biológica da sexualidade adotada pelos escritores naturalistas?
c) Transcreva do texto a frase que melhor explicita o determinismo presente na visão de mundo naturalista.

# Respostas

**1.**

a) O apelido de Bom-Crioulo vinha da personalidade amigável e até certo ponto ingênua de Amaro. No começo de sua carreira, era um bom marinheiro, dedicado, que se esforçava pelos amigos e para o trabalho.

b) Amaro passa a ficar desleixado no trabalho e, volta e meia, quando descia à terra, embriagava-se e arranjava confusão.

c) Quando o narrador revela a opinião dos colegas de Amaro, de que "o negro dava para gente", fica explícito o preconceito. A frase equivale a: "se é negro, não é gente", ou pelo menos: "se é negro, não é boa gente".

**2.**

a) O apelo ao sexo para falar do personagem e o fato de ele ser dominado por impulsos biológicos mais fortes do que sua vontade são traços típicos da caracterização naturalista.

b) É utilizado o chamado discurso indireto livre, em que o pensamento do personagem se confunde com o discurso do narrador.

**3.**

a) As aspas são utilizadas para substituir termos que poderiam soar ofensivos ou imorais ao leitor da época (e mesmo dos nossos dias). A palavra "aquilo" pode ser substituída por "o desejo/a relação homossexual"; "natureza" por "tendências homossexuais".

b) "Aquilo" é visto como uma transgressão da normalidade sexual, uma espécie de decadência do homem, um ato imoral e antinatural. "Pecados" e "castigo" são palavras que comprovam isso.

**4.**

a) Amaro se justifica para si mesmo pensando que "Se os brancos faziam, quanto mais os negros!" Ora, tal raciocínio pressupõe que os negros são inferiores aos brancos: Amaro, como negro, não devia se martirizar por estar praticando uma ação que "até" os seus superiores (brancos) praticavam.

b) A palavra que caracteriza negativamente a homossexualidade é "anomalia". A que revela a concepção biológica da sexualidade é "necessidade".

c) "É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana..."